

MUDANÇAS NO USO DO TEMPO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Neuma Aguiar

O texto busca aquilatar mudanças no uso do tempo na sociedade brasileira, utilizando recursos de pesquisa e de simulação para observar tais transformações. As bases de dados são compreendidas pela pesquisa de Uso do Tempo do estado da Guanabara, conduzida por Amaury de Souza, em 1970 e pela Pesquisa de Uso do Tempo de Belo Horizonte, que efetuei nessa Cidade, em 2001 (Aguiar, 2001b). Para realizar tais comparações foram efetuados ajustes demográficos na base de dados de Belo Horizonte que possibilitassem tais comparações. As duas pesquisas foram realizadas com metodologias compatíveis, mediante o emprego de diários de uso do tempo e entrevistas do dia seguinte ao pesquisado para verificação e complementação dos diários. Estes foram aplicados em dias de semana e de final de semana aleatoriamente designados. A diferença entre as duas pesquisas refere-se ao fato da pesquisa da Guanabara/Rio de Janeiro ter sido uma amostra de indivíduos de 18 a 65 anos de idade, e a de Belo Horizonte, uma amostra domiciliar com membros dos grupos domésticos corresidentes com 8 anos ou mais de idade. Os dados de Belo Horizonte foram então selecionados e ponderados para se tornarem equiparáveis ao estudo de Amaury de Souza com as mesmas faixas etárias. Os dados da Guanabara/Rio de Janeiro foram objeto de uma publicação restrita com o formato de um relatório de pesquisa apresentado ao Iuperj e depositado em sua biblioteca (Souza, 1976). Tais dados são aqui utilizados com o consentimento do autor. Como o banco original não mais existe, as comparações se resumiram aos dados publicados. O presente texto responde à questão: se Belo Horizonte tivesse em 2001 as características demográficas da Guanabara (isto é, do município do Rio de Janeiro, nessa mesma data), que mudanças no uso do tempo poderíamos apreender utilizando essa simulação?

Pesquisas de uso do tempo medem a quantidade de tempo despendida por uma determinada população em atividades cotidianas. Essas dimensões temporais servem para orientação prática e estão imersas na cultura. Os ritmos temporais estão vinculados a períodos históricos, e há mudanças nas práticas que demoram a ocorrer, e outras que são mais aceleradas. Uma das finalidades das pesquisas de uso do tempo é a da condução de comparações internacionais sobre as formas de organização do dia a dia das populações, permitindo observar distintos impactos da organização econômica, da estrutura política e de distintas formas culturais de orientação cotidiana. O primeiro grande projeto de impacto internacional foi conduzido por Alexander Szalai e associados em 1966. Para interpretar os dados do Brasil, Amaury de Souza (1976) inseriu os seus achados dentro de um quadro comparativo com os dados obtidos por Szalai e associados. Para compreendermos bem tal quadro, buscamos ajuda nos textos publicados da pesquisa internacional comparada efetuada por Szalai (1972).

Além da adesão de países de organização capitalista industrial (EUA, França, Bélgica, Alemanha Ocidental), houve grande interesse pela pesquisa por pesquisadores de países socialistas (URSS, Hungria, Polônia, Bulgária, Iugoslávia, Tchecoslováquia e Alemanha Oriental) e de um país em desenvolvimento: o Peru. Os *surveys* foram de portes distintos e compreendiam desde amostras nacionais, até distritos, grupos de cidades e regiões metropolitanas. As pesquisas de uso do tempo constituíam uma consolidada tradição de pesquisa em distintos países socialistas. As iniciativas pioneiras são parte de um acervo histórico que foi objeto de análise por Artemov e Artemova (1998, pp. 49-66) e Artemov, Artemova e Patrushev (1999). Outros países, além da URSS, como a Bulgária, possuíam ampla experiência em pesquisas de uso do tempo, como enumerado por Staikov (1972, pp. 480-482). A experiência desses países socialistas estava relacionada com a utilização das pesquisas de uso do tempo para o planejamento social, particularmente no que diz respeito ao processo de industrialização, e o uso do tempo pela população, incluindo-se o dispêndio do tempo livre (Patrushev, 1972). Como resultado da tradição de pesquisa, sete países de economia central planificada aderiram logo ao projeto. Cinco países de economia capitalista (um deles, em desenvolvimento) se juntaram ao mesmo, com pesquisadores dotados de ampla experiência com *surveys* e variadas indagações de pesquisa, incluindo-se questões sobre o lazer, que favoreciam o intercâmbio internacional. Destaque-se o pragmatismo desses pesquisadores em prol de um conhecimento construído a partir da pesquisa empírica, indo além do clima de guerra fria, por vezes encontrado, nessa época, nas associações internacionais de pesquisa que congregavam cientistas sociais.

Os dados foram levantados por meio de diários de uso do tempo, seguidos

por entrevista e classificados em 37 categorias de atividades, base dos atuais sistemas de códigos.

De um modo geral, uma grande questão permeava o projeto internacional: estudar a classe trabalhadora e sua qualidade de vida, de modo comparado, observando não apenas o tempo de trabalho, mas também duas outras esferas da vida cotidiana: o tempo livre ou de lazer e o de cuidados pessoais (ou o tempo de reposição das forças de trabalho- nessa época, ainda com pouca atenção à análise das contribuições do trabalho não remunerado para essa reposição). O tempo, pelo menos ao início da pesquisa era conceitualizado dentro dessa ótica tripartite. Szalai (1972, p. 6) indica em sua introdução ao livro que os trabalhadores industriais, no início do processo de industrialização, possuíam longas jornadas de labuta. Isso provocou lutas pela redução das horas de trabalho e pelo aumento do tempo livre (Lafargue, 1980 [primeira edição 1880]). Durante a luta avançaram o mote: “oito horas de sono, oito horas de trabalho, oito horas de recreação”. As pesquisas de uso do tempo da equipe de Szalai permitiriam verificar se esse ideal havia sido atingido. Os efeitos da modernização industrial constituíam uma preocupação central dos pesquisadores, além de considerarem uma questão implícita: onde se vive melhor, nos países capitalistas ou nos países de economia central planificada? Para onde vai o tempo de trabalho poupado com o avanço técnico?

Conceitualmente, pouca atenção inicial era concedida a uma quarta esfera: a do tempo de cuidados com a casa e a família, interesse que viria a se desenvolver com a própria investigação, já que dados sobre essa dimensão foram necessariamente levantados, já que a pesquisa internacional comparada cobria 24 horas e os diários indicavam o exercício de tais atividades e se endereçavam tanto aos dias da semana como aos do final da semana.

Converse (1972), membro da equipe internacional, havia efetuado uma análise dimensional com a distribuição do tempo pelas 37 categorias de atividade e constatara a existência de um eixo Leste-Oeste, e de outro, Norte-Sul, dimensões da cultura política dos diversos países que integraram o *survey*. Dada a presença exclusiva de um país em desenvolvimento, a pesquisa de Amaury de Souza (1976), caso tivesse sido parte simultânea do esforço da pesquisa internacional comparada, teria ampliado o escopo da análise e possivelmente reforçaria a dimensão Norte-Sul. A tabela 1 possibilita uma aproximação do primeiro estudo de caso do Brasil com o do Peru (apenas com diferenças mais acentuadas na duração do lazer).

O exame das interpretações avançadas por diversos dos artigos publicados no livro de Szalai e associados (1972) permite uma maior compreensão da tabela 1. Como a categoria trabalho remunerado constituiu uma dimensão central de

interesse dos pesquisadores, eles distinguiram homens empregados e mulheres empregadas. Logo, essas categorias foram acrescidas por outro grupo: o das donas de casa (Converse 1972, p. 169). Ao deslocar-se no eixo Leste-Oeste, movendo-se na direção oeste, aumenta a proporção de donas de casa. Movendo-se para leste, aumenta a proporção de mulheres empregadas, e assim elevam-se as médias de duração das atividades remuneradas. A participação das mulheres na força de trabalho, nas regiões metropolitanas selecionadas para a amostra, nos períodos da pesquisa, eram as seguintes: na Bulgária, de 84%; na Polônia, 68%; na Hungria, 60%; nos Estados Unidos da América, 48%; França, 48%; na Bélgica, 41%; no Peru, 30% (Robinson, Converse e Szalai: 1972, p. 119); no Brasil, na Guanabara/Rio de Janeiro, em 1973, 29% (Morley: 1978, p. 333) em Belo Horizonte, em 2001, 45,2% (DIEESE, 2002). Em um dos casos, estudado para país com economia central planificada por Staikov (1972), havia mulheres que trabalhavam menos duas horas diárias com remuneração, num setor industrial moderno, e o autor descreve a licença especial que deveria ser obtida do Estado para redução das horas de trabalho remunerado, o que dificultava o seu acesso automático.

Nas tabelas 1 a 6, observa-se o tempo despendido em quatro grandes esferas de atividades: Trabalho Remunerado (trabalhos que geram rendimentos); Cuidados com a Casa e com a Família, que compreendem atividades de trabalho doadas ou exercidas sem remuneração; Cuidados Pessoais (Sono, Alimentação, Higiene Pessoal), e, finalmente, Lazer, como o principal componente do tempo livre. Em algum momento no passado, as pesquisas de uso do tempo consideravam separadamente a categoria deslocamentos. Os movimentos entre espaços onde as atividades se desenvolvem são adicionados ao tempo da atividade para a qual a atividade se destina.

O Uso do Tempo em perspectiva comparada

A tabela 1 foi adaptada do trabalho de Amaury de Souza (1973) que, por sua vez, utilizou os resultados da pesquisa internacional comparada, elaborados por Robinson, Converse e Szalai (1972, p. 114), só com os resultados sobre regiões metropolitanas, para contextualizar as informações de sua pesquisa, reportados aqui como Brasil (1). Os dados para a coluna relativa ao Brasil (2) pertencem à Pesquisa de Uso do Tempo de Belo Horizonte: 2001, por mim conduzida. Eles foram demograficamente ajustados para simular uma condição comparável ao do município do Rio de Janeiro – território equivalente ao da antiga Guanabara. Isso foi realizado, tomando-se a distribuição da população por sexo e idade em 2001 (Suyama, 2003). (O estado da Guanabara constituiu

uma unidade da federação entre 1960 e 1975 no território do atual município do Rio de Janeiro, cuja área compreendia o antigo Distrito Federal do Brasil, antes que este fosse transferido para a nova capital: Brasília). A população de Belo Horizonte, em 2001, possuía uma maior proporção de idosos, uma menor proporção de jovens e um volume maior de mulheres em relação aos homens, em comparação com o município do Rio de Janeiro, no mesmo período. Mudanças demográficas alteraram o perfil da população, aumentando a longevidade, reduzindo o número de jovens, e fenômenos migratórios acentuaram a razão entre os sexos, o que justifica o ajuste. Os dados aqui presentes são produto de tabulações cruzadas com um pequeno número de variáveis.

Tabela 1: Comparações internacionais sobre o uso do tempo na vida cotidiana com a duração em minutos para 7 países, em 1972, e para o Brasil em dois períodos distintos.

Grupos de Atividades	Bélgica	França	EUA	Bulgária	Hungria	Polônia	Peru	Brasil	
								(1)	(2)
Trabalho remunerado	287	276	266	404	374	334	251	215	366
Trabalho Doméstico:	(145)	(162)	(164)	(100)	(164)	(160)	(172)	(155)	(103)
Compras	(29)	(39)	(45)	(45)	(58)	(33)	(17)	(36)	(25)
Cuidados com Crianças	(17)	(40)	(32)	(17)	(30)	(34)	(23)	(35)	(23)
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	191	241	219	162	252	227	212	226	151
Cuidados Pessoais	649	661	620	617	599	595	643	631	625
Estudo e Participação	25	19	28	18	20	31	42	24	60
Lazer (conversar, passear, esportes, etc.)	(128)	(121)	(123)	(116)	(81)	(95)	(152)	(153)	(80)
Uso dos meios de comunicação de massa	(131)	(91)	(134)	(79)	(85)	(120)	(87)	(125)	(121)
Viagens pessoais e para lazer	(30)	(31)	(50)	(42)	(29)	(38)	(53)	(73)	(38)
Lazer total	289	243	307	237	195	253	292	351	239
Total Geral em minutos	1441	1440	1440	1438	1440	1440	1440	1447	1441

Notas sobre a tabela 1

(1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos.

(2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, nesse caso, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total.

(3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses.

(4) Fontes: para 7 países exclusive Brasil: Szalai (1972). Para o Brasil (1): Souza (1976) e para o Brasil (2): Aguiar (2001)

O banco de dados da pesquisa de uso do tempo de Belo Horizonte tem permitido o uso mais sofisticado de métodos estatísticos para sua análise (Aguar e Suyama, 2010). Mesmo assim, a mera apresentação de tabelas, com a duração de atividades cotidianas, constitui um excelente ponto de partida analítico para o conhecimento do comportamento das populações estudadas, o que justifica o presente texto que busca uma primeira aproximação com mudanças na vida cotidiana de brasileiras e brasileiros, em dois momentos distintos. A tabela 1 apresenta a duração das atividades cotidianas em minutos, pela população de cidades, em uma seleção de países. Do total de 12 países estudados por Szalai (1972) e sua equipe e cotejados por Amaury de Souza (1976), omitimos aqueles que deixaram de existir após a dissolução da União Soviética e a queda do muro de Berlim. Assim, selecionamos, para o presente trabalho, um conjunto menor dentre o total de países que compunham a pesquisa de Szalai (1972). A pesquisa internacional comparada de Szalai e associados, além das áreas metropolitanas, incluiu outras unidades geográficas dos países amostrados. Os dados publicados compreendem, por vezes, dados representativos de países ou de parcelas destes, tendo compreendido, ainda, dentro do conjunto de países, uma região de Lima, Peru (Converse 1972, pp. 43-68). Neste último caso os pesquisadores amostraram um bairro de classe média (Callao, em Lima). Os dados do Peru podem oferecer um parâmetro de comparação mais próximo ao do Brasil, para responder à questão: como se comportam os países em desenvolvimento em relação à jornada de trabalho, aos cuidados com o domicílio e a família, aos cuidados pessoais e ao lazer?

Para observar o conjunto completo de países e regiões daquele primeiro estudo, ver John Robinson, Philip Converse e Alexander Szalai (1972, p. 114). Mais recentemente, outras comparações internacionais vêm sendo efetuadas. Ver Garhammer (1998), Gershuny (2003) e também Kimberly Fisher e John Robinson (2009, pp. 249-254). As últimas com base no MTUS Multinational Time Use Study – ver Gershuny (2003) para detalhes sobre este banco de dados. Alguns dos pesquisadores dos países estudados, que incorporavam a equipe de Szalai, empreenderam amostras mais ambiciosas, buscando uma representação do país como um todo, tal como é efetuado, hoje em dia, por novos estudos que passaram a compreender amostras representativas de países em lugar de cidades. Em alguns desses países já foram realizadas várias rodadas, estando assim plenamente aptos a retratarem mudanças no uso do tempo pelo conjunto da população do país estudado (Garhammer 1998, pp. 67-88; Niemi e Pääkönnem, 2002). Na falta de amostras representativas do Brasil como um todo, recorreremos à comparação derivada dos dois *surveys* acima mencionados, com dados mais limitados, pois compreendem apenas duas regiões metropolitanas brasileiras

(apenas recentemente, em 2010, o IBGE conduziu uma amostra piloto, com dados ainda não disponíveis, representativa de seis estados brasileiros).

As tabelas no presente trabalho representam a média do tempo de atividades exibidas pelo conjunto da população. Outra possibilidade de apuração seria a de computar o tempo de atividades relacionadas apenas com a população que as desenvolveu. Assim, as médias de tempo das atividades aqui retratadas apresentam-se mais diluídas, como, por exemplo, a média diária de trabalho remunerado nunca é de oito horas diárias, já que no cômputo exibido pela tabela estão compreendidos aqueles que não exerceram tal atividade. Algum refinamento das atividades de trabalho é obtido quando especificamos o sexo, a condição de emprego e as atividades ocupacionais das populações estudadas. Nem todo respondente exerceu atividades remuneradas, ou atividades não remuneradas, ou atividades de lazer nos períodos estudados, embora sejam poucos aqueles que deixaram de repor suas energias pessoais pulando uma noite de sono ou uma refeição. As grandes categorias de uso do tempo da tabela 1 foram combinadas obedecendo aos critérios estabelecidos pela exposição do texto de Amaury de Souza (1976), procurando aproximá-las dos quatro grandes conjuntos de atividades cotidianas, mais utilizados contemporaneamente: (1) atividades remuneradas; (2) atividades domésticas e de cuidados com a casa e a família (isto é, atividades não remuneradas ou doadas); (3) atividades pessoais que compreendem sono, alimentação, descanso; (4) atividades de lazer ou de tempo livre. Quando não era possível reagrupar as atividades nesses grandes grupos, foi mantida a apresentação original. As viagens geralmente são agregadas às atividades respectivas que as ensejaram, isto é, de acordo com a finalidade das mesmas. Mas as viagens relacionadas ao lazer e às atividades pessoais foram mantidas em separado por Souza (1976), compreendendo aqui mais uma categoria, respeitando o recorte efetuado por esse autor, já que o agrupamento quadripartite ora mencionado, separa as atividades pessoais e as de lazer. Os dados são apresentados em minutos para facilitar comparações e a elaboração de índices. Eles somam 1440 minutos no total, ou 24 horas (arredondamentos e detalhes, como o tempo de preenchimento dos diários, podem explicar ligeiras diferenças nos totais). A análise das tabelas, no texto do artigo, foi efetuada segundo a leitura corriqueira dos relógios – com horas e minutos, para facilitar a compreensão, de acordo com uma linguagem mais corriqueira.

Quando procuramos efetuar comparações internacionais, buscamos observar que formas de organização econômica e política as sociedades possuem, que dimensão de gênero é culturalmente dominante, entre outros aspectos culturais, e como essas dimensões afetam a distribuição do tempo nos grandes blocos de atividade. Sabemos, por exemplo, que países europeus têm reduzido o tamanho

da jornada de trabalho, e que os países do bloco socialista possuíam o trabalho como um dos seus principais eixos no âmbito cultural e político, organizador de suas sociedades, o que afeta a forma como suas populações empregam o tempo cotidiano. Fatores políticos, assim, além daqueles de natureza econômica, impactam o dia a dia das populações. Políticas públicas (ou a sua ausência) podem ter consequências, por exemplo, para os meios de transporte, afetando o tamanho da jornada de trabalho. Por outro lado, países capitalistas podem sofrer surtos de crescimento ou crises econômicas que resultam em oscilações no emprego e variação nas horas de trabalho remunerado. A importância da classe trabalhadora representaria também um maior número de horas trabalhadas, com remuneração, por esse contingente populacional? Dentre as perguntas sobre qualidade de vida, nas entrelinhas da pesquisa de uso do tempo, efetuada por Szalai e associados, indaga-se: onde se vive melhor? Em países voltados para a classe operária, ou em países em que a classe trabalhadora pode sofrer impactos devido à introdução de novas tecnologias?

A organização sócio-política e o grau de organização da sociedade afetam o uso do tempo. As horas de trabalho são regulamentadas, e a existência de um sistema de transportes adequado permite os deslocamentos cotidianos ao trabalho. Supunha-se, de início, que seria importante analisar o comportamento da classe trabalhadora, sendo crucial introduzir regiões urbanas e industriais para observar o efeito de processos de modernização das sociedades no trabalho desenvolvido com remuneração (Szalai, 1972, pp.52-53). Consideraram-se, em seguida, as diferentes estruturas ocupacionais, onde o trabalho por conta própria se apresentava importante nos países ocidentais (como no caso dos profissionais liberais), enquanto esses profissionais eram assalariados nos países do leste. Observaram-se também as diferenças na composição de trabalho remunerado no interior das famílias, o que levou os pesquisadores a decidirem incluir as donas de casa nas amostras ((Szalai e Scheuch, 1972, p.19).

Os tempos de atividade cotidiana estão relacionados entre si. Aqueles locais em que mais tempo é consagrado ao trabalho remunerado são também os que devotam menos tempo ao lazer. Para os países de economia capitalista foram encontradas as seguintes proporções das médias em minutos, enumeradas, a seguir, como uma razão entre tempo de trabalho remunerado e tempo livre: Bélgica, 287/289; França, 276/243; Estados Unidos, 266/307; Países com Economia Central Planificada – Bulgária, 404/237; Hungria, 374/195 e Polônia 334/253. Países em desenvolvimento: Peru, 251/292; Brasil (1), 215/351. Estes últimos registram menor tempo dedicado ao trabalho remunerado - ainda relativamente escasso, quando comparado com os países desenvolvidos, devido ao estágio em que se encontra o desenvolvimento de seu sistema produtivo. O

desenvolvimento econômico aumenta as oportunidades de trabalho, intensificando as atividades laborais (que podem sofrer redução, todavia, em casos de crise do sistema econômico ou da introdução de equipamentos poupadores de mão de obra). Mediante o crescimento econômico, trabalha-se mais tempo, dorme-se menos durante a semana e tem-se menos lazer (com exceção do tempo devotado à televisão, em países desenvolvidos). O Brasil, representado pela cidade de Belo Horizonte, apresenta a razão entre tempo de trabalho remunerado e tempo livre: 363/239, aproximando-se do perfil dos países de economia central planificada, possivelmente pelo incremento da participação das mulheres na força de trabalho que aumentam as médias de participação no trabalho remunerado e reduzem as de tempo livre.

Amaury de Souza (1976, p. 6) resume “um dia típico de um carioca”: trabalha cerca de três horas em atividades remuneradas, e outro tanto em cuidados com a casa e as crianças; consome entre 10 e 11 horas por dia do seu tempo com cuidados pessoais (sono, descanso, alimentação, higiene pessoal); estuda e participa de atividades voluntárias cerca de meia hora por dia; gasta em média 15 minutos em transporte e despense cinco horas e meia em lazer, visitando, conversando, vendo televisão, lendo um livro ou fazendo nada.

Comparando-se os dois conjuntos de dados para o Brasil: Rio de Janeiro (Guanabara) e Belo Horizonte (Minas Gerais), com os dados de Belo Horizonte, ajustados por sexo e idade para o município do Rio de Janeiro em 2001, observamos um aumento das atividades remuneradas e uma redução do lazer. Ao discutir esses dados, levantou-se a hipótese de que em Belo Horizonte haveria menos oportunidades de lazer do que no Rio de Janeiro. Porém uma pesquisa de uso do tempo, realizada em três bairros cariocas na mesma época da pesquisa de Belo Horizonte, também indica um tempo menor dedicado ao lazer pelos cariocas (115 minutos em média – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2001, p. 40), em lugar dos 153 minutos encontrados por Souza em 1973. Observamos, ainda, uma redução das atividades domésticas, desde os cuidados com a casa, tempo devotado às compras e ao cuidado com crianças (de 226 para 151 minutos diários). As médias de tempo de trabalho também são afetadas pela elevação da participação das mulheres na população economicamente ativa. As donas de casa compreendiam 26 a 28% da população respondente ao *survey* nos países capitalistas, e entre 3 e 17%, nas economias com planificação central. No primeiro grupo de países, as mulheres compreendiam menos de 1/3 da força de trabalho, enquanto no segundo, de 32 a 41% da força de trabalho. Já o Peru apresenta 36,4% das mulheres na condição de donas de casa e 22,6% de mulheres empregadas. A proporção de homens empregados aparece bem alta em todos os países (de 42% a 65% da população – a Polônia, que apresentou

42% de homens trabalhadores, também possuía quase igual proporção de mulheres trabalhadoras com remuneração), encontrando-se a menor proporção no Peru (41% de homens trabalhadores remunerados em comparação com 28% de mulheres trabalhadoras com remuneração).

A dimensão de gênero e o uso do tempo

Tomemos, em separado, os dois casos para o Brasil, ao examinarmos as atividades cotidianas por sexo, usando agora medidas da duração do tempo de trabalho (tabela 2). Vejamos, em primeiro lugar, o dia a dia dos homens na amostra, durante a semana, para o primeiro caso representando o Brasil (Souza, 1976): o trabalho remunerado ocupa em média, respectivamente 261 minutos (ou 4 horas e 21 minutos) para os homens e 141 minutos (ou 2 horas e 21 minutos) para mulheres, isto é, eles trabalham com remuneração duas horas a mais que as mulheres. Como apenas 29% das mulheres participavam então da força de trabalho, suas médias de tempo de trabalho, computadas com o conjunto das mulheres, se apresentaram bem menores. Há outros fatores que podem afetar essas médias, tais como a participação em trabalhos com jornadas cotidianas mais reduzidas que possibilitam a articulação entre a provisão de rendimentos e as de cuidados com a casa e a família, particularmente ante a presença de crianças pequenas. Dados para Belo Horizonte demonstram que ante a presença de crianças pequenas na família, os homens responsáveis pelo domicílio aumentam o número de horas dedicadas ao trabalho remunerado, e as mulheres reduzem esse tempo.

O estudo e a participação duram 46 minutos para os homens e 27 minutos para mulheres em dias de semana. Já nos finais de semana, as mulheres usam 24 minutos para estudo e participação, enquanto os homens devotam apenas 8 minutos a essas atividades, cujo exercício é importante na busca de emprego.

Os homens devotam 1 hora e quarenta minutos (100 minutos) com cuidados com a casa e a família, durante a semana, e as mulheres, 5 horas e quarenta e um minutos (341 minutos).

Quando olhamos para os dias em finais de semana, homens e mulheres exercem mais de duas horas e vinte minutos de atividades remuneradas (145 e 143 minutos respectivamente).

Em dias de semana, os homens, nesse mesmo estudo, dedicam 10 horas e trinta e sete minutos (637 minutos) aos cuidados pessoais (incluem sono, refeições e limpeza pessoal), e as mulheres, 10 horas e vinte e um minutos (621 minutos). Essas atividades levam mais tempo nos finais de semana (10 horas e 44 minutos para os homens, e 10 horas e 56 minutos para as mulheres). Conforme já observado por Souza (1976), a semana é organizada de tal maneira que se dorme mais nos finais de semanas e leva-se mais tempo para o consumo das refeições.

Os homens despendem em média 6 horas e 18 minutos diários em lazer, e as mulheres, 5 horas e 12 minutos (ou 378 e 312 minutos respectivamente, segundo a tabela 2), em 1973, na Guanabara, município do Rio de Janeiro. Nos dias de final de semana, a duração do lazer para eles é de 582 minutos (ou nove horas e quarenta e dois minutos), e para elas, é de 388 minutos ou 6 horas e 28 minutos.

Tabela 2: Homens e mulheres e o uso do tempo, em dia de semana e de final de semana, em dois períodos distintos, e em duas regiões do Brasil

Pesquisa	Guanabara/Rio de Janeiro-1973				Belo Horizonte -2001			
	Dia de Semana		Dia de Final de Semana		Dia de Semana		Dia de Final de Semana	
Grupos de Atividades	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Trabalho remunerado	281	141	145	143	466	276	119	77
Trabalho Doméstico	(43)	(255)	(17)	(174)	(31)	(160)	(37)	(129)
Compras	(48)	(36)	(30)	(12)	(17)	(32)	(28)	(31)
Cuidados com Crianças	(9)	(50)	(13)	(29)	(6)	(36)	(5)	(20)
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	100	341	60	215	54	228	70	180
Cuidados Pessoais	637	621	644	656	623	628	709	718
Estudo e Participação	46	27	8	24	52	73	46	60
Lazer (conversar, passear, esportes, etc.)	(151)	(115)	(390)	(189)	(88)	(75)	(235)	(187)
Uso dos meios de comunicação de massa	(150)	(123)	(114)	(112)	(122)	(117)	(201)	(168)
Viagens pessoais e para lazer	(77)	(74)	(78)	(87)	(33)	(43)	(60)	(50)
Lazer total	378	312	582	388	243	235	496	405
Total Geral (minutos por dia)	1442	1442	1439	1426	1438	1440	1440	1440

Notas sobre a tabela 2:

(1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos. (2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, destacadas na tabela, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total (3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses; (4) Fontes: para Guanabara/Rio de Janeiro: 1973: Souza (1973) e para Belo Horizonte 2001: Aguiar (2001)

Podemos agora analisar a distribuição do tempo 28 anos depois, na cidade de Belo Horizonte, com ponderações, para tornar seu perfil demográfico equiparável ao do Rio de Janeiro. Observe-se, antes disso, porém, que a jornada de trabalho no Brasil, na época da primeira pesquisa, era de 48 horas semanais. Ela foi reduzida para 44 horas em 1988. Já em 1998 foi aprovada uma nova lei que permite a extensão da jornada em até duas horas diárias. As mulheres encontram-se predominantemente entre os que trabalham até 36 horas semanais com rendimentos. Apesar de partir de uma jornada mais reduzida, o tempo de trabalho remunerado, tanto para homens quanto para mulheres, quase dobrou no período entre as duas pesquisas, passando para quase 8 horas em dia de semana para os homens e um pouco mais de 4 horas e meia para as mulheres. As mulheres aumentaram sua participação na força de trabalho, e para assegurar postos de atividade remunerada, investiram mais nos estudos, o que pode ser parcialmente observado pela tabela 2, já que a categoria Estudo e Participação também compreende trabalho voluntário em organizações e atividades religiosas (em média 28 minutos para as mulheres em dias de semana), restando, assim, 45 minutos diários investidos em estudo.

Em dias de semana, o tempo de cuidados com a casa e a família que era de 1 hora e quarenta minutos para homens (100 minutos), e de 5 horas e 41 minutos para mulheres, passou para menos de uma hora para homens (54 minutos) e para 3 horas e 48 minutos para mulheres (ou 228 minutos). Os cuidados com a casa e a família permaneceram uma atribuição feminina. Houve uma pequena redução da diferença na duração dos cuidados com a casa e a família, entre homens e mulheres: de 241 minutos a mais para as mulheres, ou cerca de 4 horas, em média, por dia de semana, a duração passou para 174 minutos ou 2 horas e 54 minutos. Essa redução ocorreu em um período de transição demográfica: o tamanho das famílias diminuiu, e parte desse processo refere-se à redução do número de crianças em casa. Menor número de pessoas na família e menor número de crianças em casa, menor o trabalho de cuidados com a casa e a família. O resultado da diminuição do trabalho doméstico, no período examinado, se deve pouco a um processo de redemocratização da divisão dos papéis de gênero no âmbito doméstico e bem mais à consequência de um maior planejamento familiar. Outro fator, todavia, que afeta a redução do trabalho com rendimentos é o aumento da participação das mulheres na força de trabalho, que se ampliou substantivamente no período. Observamos, com o mesmo conjunto de dados e com modelos de regressão probabilística, que se as mulheres trabalham com rendimentos, a probabilidade de que elas exerçam atividades domésticas reduz-se para 81,46%, também havendo uma redução de mais de três horas diárias, em média, no tempo dedicado aos trabalhos domésticos (Aguilar e Suyama, 2010).

Vejamos agora o que acontece com o sono e demais componentes dos cuidados pessoais: Amaury de Souza (1976) já havia constatado que os (as) respondentes ao *survey* organizavam o seu cotidiano reduzindo os cuidados pessoais em dias de semana. Estes passam de 10 horas e 37 minutos (637 minutos) para os homens e 10 horas e 21 minutos para as mulheres (621 minutos), que são aumentados nos finais de semana, passando para 10 horas e 44 minutos (644 minutos) de dispêndio com cuidados pessoais pelos homens e 10 horas e 56 minutos (656 minutos) pelas mulheres. Estas dormiam um pouco menos que os homens em dias de semana e um pouco mais que eles em dias no final da semana. Em geral, dorme-se mais nos finais de semana, e as famílias passam um maior tempo juntas às refeições.

Uma tendência que continua hoje em dia, sendo até ampliada pelo *survey* de Belo Horizonte: os homens passam cerca de 10 horas e 23 minutos (623 minutos) em cuidados pessoais, e as mulheres passam 10 horas e 28 minutos (ou 628 minutos) nessa mesma atividade. A duração, em média, de cuidados pessoais é aumentada, nos finais de semana, passando para 11 horas e 49 minutos (709 minutos) pelos homens e 11 horas e 58 minutos (ou 718 minutos) pelas mulheres.

De 1973 para 2001, esse lazer é muito reduzido, passando a ser quase igual para homens e mulheres em dias de semana (cerca de 4 horas). Nos finais de semana, o lazer é duplicado para os homens, passando para 496 minutos (mais de 8 horas), sendo menos elevado para as mulheres, passando a durar cerca de 6 horas e vinte minutos. A relação trabalho remunerado/lazer aproxima o caso do Brasil ao encontrado 30 anos antes na Bulgária, Hungria e Polônia, voltando a olhar para a tabela 1, talvez pela relativa proporção aproximada de homens e mulheres participantes do mercado de trabalho.

Condição de trabalho e uso do tempo

Observemos agora duas tabelas (3 e 4). Já expusemos acima que o estudo de Amaury de Souza (1976) constituiu uma réplica do estudo de Szalai e associados (1972), que procuravam verificar o efeito dos processos de industrialização e urbanização na classe trabalhadora. Na prática, o escopo do estudo de Szalai foi ampliado incluindo as donas de casa, categoria mais visível nos países de economia capitalista, embora fosse possível encontrar donas de casa também nos países de economia central planejada. O número médio de horas despendidas por mulheres donas de casa, mulheres com trabalho remunerado, e homens com trabalho remunerado encontrado pela pesquisa foi bem semelhante nos dois tipos de economia (Szalai, 1966, p. 11). As mulheres com trabalho remunerado, embora tendo reduzido as atividades de trabalho doméstico, ainda assim efetuavam cerca

de 4 vezes mais atividades domésticas que os homens com trabalho remunerado. As mulheres donas de casa conduziam de 10 até 20 vezes mais trabalhos domésticos que os homens empregados.

Szalai pondera que as três categorias, homens empregados, mulheres empregadas e donas de casa, cobriam a maior parte da população. Os baixos níveis de desemprego nos países de economia capitalista, na época da investigação, e a ausência da categoria de desemprego nos países de economia central planificada, fizeram com que essa categoria não tenha sido apresentada na análise do material. Na discussão dos achados, condições como a de desempregados foram consideradas pela equipe de Szalai como de pequeno porte, se comparadas aos homens e mulheres empregados e às donas de casa (só mencionadas mais sistematicamente no estudo de caso do Peru). A categoria desempregados foi então abandonada como categoria específica de análise. Tal não foi o caso de Amaury de Souza (1976), que desenvolveu o seguinte raciocínio: se os homens tivessem maior disponibilidade de tempo em casa, quando desempregados, será que se dedicariam mais às atividades domésticas? À categoria agregada por Amaury de Souza (1976), acrescentamos a de mulheres desempregadas, já que as taxas de desemprego têm sido maiores para as mulheres do que para os homens. A tabela 3 mostra que enquanto os homens trabalhavam, com pagamento, quase nove horas, em dia de semana, as mulheres trabalhavam com remuneração quase a metade disso (285 minutos ou 4 horas e quarenta e cinco minutos). A diferença na duração do tempo de trabalho remunerado se reduz em 2001, refletindo o aumento de participação das mulheres na força de trabalho. Os homens passaram a trabalhar com remuneração 555 minutos, ou 9 horas e 15 minutos, e as mulheres, 7 horas e vinte e dois minutos por dia da semana (ou 442 minutos). A tabela 3 possibilita observar que, embora as donas de casa não exercessem nenhuma atividade remunerada em 1973, elas passaram a exercer, pelo menos, alguns minutos por dia de atividade remunerada, em 2001 (em busca de qualquer fonte de rendimentos), o mesmo ocorrendo com os desempregados, quando comparamos os do passado e os do período mais recente, pois o volume médio de pequenas atividades geradoras de renda aumentou em 2001 para esse conjunto. Os desempregados: de 29 minutos de atividades remuneradas passaram a 2 horas e 41 minutos, e as desempregadas desenvolveram 1 hora e 12 minutos (sem termo equivalente de comparação para 1973). Assim, na contemporaneidade há trabalhos episódicos para os desempregados, em dias de semana, que trazem algum rendimento para os que os exercem.

Tabela 3: Atividades cotidianas de homens e mulheres, em dias de semana, por condição de trabalho, em dois períodos distintos, e em duas regiões do Brasil

Grupos de Atividades	Condição de Trabalho e Uso do Tempo em Dia de Semana								
	Condição de Trabalho								
	Homem empregado		Mulher empregada		Dona de Casa		Desempregado		Desempregada
	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(BH-2001)
Trabalho remunerado	533	555	285	442	-	15	29	161	72
Trabalho Doméstico	(14)	(21)	(191)	(104)	(318)	(289)	(73)	(82)	(164)
Compras	(37)	(13)	(35)	(28)	(36)	(45)	(58)	(33)	(29)
Cuidados com Crianças	(3)	(7)	(18)	(27)	(82)	(64)	(15)	(4)	(26)
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	54	41	244	159	436	398	146	119	219
Cuidados Pessoais	604	612	606	602	635	661	670	666	684
Estudo e Participação	5	31	33	49	22	66	88	78	116
Lazer (conversar, passear, esportes, etc)	(97)	(67)	(93)	(58)	(136)	(97)	(204)	(163)	(102)
Uso dos meios de comunicação de massa	(110)	(105)	(106)	(96)	(139)	(149)	(190)	(203)	(192)
Viagens pessoais e para lazer	(41)	(26)	(66)	(33)	(81)	(54)	(113)	(50)	(56)
Lazer total	248	198	265	187	356	300	507	416	350
Total em minutos	1444	1437	1433	1439	1449	1440	1440	1440	1441

Notas sobre a tabela 3

(1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos.(2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, destacadas na tabela, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total; (3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses; (4) Fontes: para Guanabara/Rio de Janeiro: 1973: Souza (1976) e para Belo Horizonte 2001: Aguiar (2001)

Os homens empregados reduziram o tempo de cuidados com a casa e a família, quando se comparam os dados de 1973 e de 2001, de 54 para 41 minutos; as mulheres empregadas, de um pouco mais que 4 horas (244 minutos), passaram para 2 horas e 39 minutos; as donas de casa, de 7 horas e 16 minutos, para 6 horas e 38 minutos; os desempregados, de 2 horas e 26 minutos para quase 2 horas ou 119 minutos, e as desempregadas, que dedicam 3 horas e 37 minutos aos cuidados com a casa e a família (informação não apurada para 1973). Quando Rezsöházy (1972) estudou o caso do Peru como parte da pesquisa internacional comparada, sob a liderança de Szalai, ele imediatamente incluiu as categorias de desempregados e de desempregadas, refletindo sobre o grau de desenvolvimento econômico e a noção local de tempo. Souza (1976) dramatiza a presença de fatores culturais quando observa o tempo dedicado às atividades domésticas pelos homens desempregados. Trata-se aqui da dimensão de gênero. A condição de emprego afeta o exercício de atividades domésticas, porém, fatores culturais determinam a divisão do trabalho de acordo com padrões tradicionais de comportamento no provimento de recursos e nos cuidados com a casa e a família, apesar do maior compartilhamento, pelas mulheres, da função de provisão doméstica, a partir do trabalho remunerado. Embora a participação das mulheres na força de trabalho represente um aumento de suas atividades remuneradas, elas continuam exercendo uma maior carga de trabalhos domésticos que os homens, qualquer que seja a condição de trabalho em que eles se encontrem (empregados ou desempregados). Observe-se que as mulheres que se dedicam às atividades remuneradas realizam, em 1973, quase 3 horas (ou 178 minutos) de cuidados com a casa e a família nos finais de semana e, em 2001, esse montante é de 3 horas e 13 minutos. Ainda é pertinente a observação de Szalai (United Nations 1975, p. 9; 1975, p. 391), preparada para a Primeira Conferência Internacional da Mulher na Cidade do México, em 1975, que uma parcela do tempo livre das mulheres empregadas com remuneração, que poderia ser dedicada ao descanso, é consumida em cuidados com a casa e a família, e o tempo dessa modalidade de cuidados pelos homens empregados era de 54 minutos em 1973, em dias de semana. Nos finais de semana (Tabela 4), homens empregados devotam 1 hora e 40 minutos a essas tarefas e 1 hora e 12 minutos em 2001. A soma das atividades de trabalho remunerado e não remunerado, em 1973, para os homens, era de 587 minutos ou 9 horas e 47 minutos; e em 2001, era de 596 minutos ou 9 horas e 56 minutos. Já para as mulheres com emprego remunerado, a soma das duas atividades de trabalho é de 529 minutos ou 8 horas e 49 minutos em 1973, e 601 minutos (ou 10 horas e 1 minuto) em 2001 – o maior fardo de trabalho com a soma das atividades remuneradas e não remuneradas e um crescimento de 72 minutos ou de 1 hora e 12 minutos na dupla jornada.

Com a pesquisa de uso do tempo de Belo Horizonte foram obtidas informações para casais (Souza, 2007, pp. 153-161). Ele constrói uma tipologia para o trabalho remunerado em dia da semana: (1) os dois trabalham com remuneração; (2) apenas o homem exerce trabalho remunerado; (3) apenas a mulher exerce trabalho remunerado; (4) nenhum dos dois exerce trabalho pago. No primeiro tipo, os homens exercem, em média, 8 horas e 45 minutos de trabalho remunerado e 46 minutos de cuidados com a casa e a família, e as mulheres, 7 horas e 30 minutos de trabalho remunerado e 2 horas e 30 minutos de cuidados com a casa e a família. No segundo tipo, os homens exercem, em média, 8 horas e 30 minutos de trabalho pago e 47 minutos de cuidados com a casa e a família, e as mulheres exercem 7 horas e 30 minutos de cuidados com a casa e a família. Na terceira situação, as mulheres trabalham com remuneração 7 horas e 30 minutos e exercem trabalhos com a casa e a família com a duração de 1 hora e meia. Os homens cuidam da casa e da família por 4 horas e 7 minutos. Enfim, para o quarto tipo em que não há atividade remunerada da parte de ambos, os homens exercem 3 horas e 30 minutos de cuidados com a casa e a família, e as mulheres, 5 horas e 22 minutos. No caso em que as mulheres exercem primordialmente o papel de provedoras (tipo 3), os homens superam as mulheres no tempo de cuidados com a casa e a família. Nos demais tipos de casal, o trabalho de cuidados recai mais tempo sobre as mulheres.

O tempo devotado aos cuidados pessoais em dias de final de semana é maior para as donas de casa, e para os homens e mulheres desempregados, do que para homens e mulheres empregados, nos dois recortes temporais. Quase sempre as diferenças aumentam com o decorrer dos anos. As donas de casa aumentaram os cuidados pessoais de 11 horas e 13 minutos para 11 horas e 58 minutos, e os homens desempregados, de 10 horas e 44 minutos para 11 horas e 19 minutos. As mulheres desempregadas apresentaram uma duração média de cuidados pessoais apenas um pouco menor que a das donas de casa (11 horas e 44 minutos, isto é: 14 minutos menos de cuidados pessoais).

Em dias de final de semana, estudo e participação de donas de casa (de 23 minutos, em 1973, passa para 1 hora e catorze minutos, em 2001) e a de desempregados (de inexistente, em 1973, passa para 57 minutos, em 2001). As cifras são mais altas em comparação com as médias de tempo devotado ao estudo e participação, em finais de semana, de homens empregados (16 minutos em 1973 e 39 minutos em 2001) e mulheres empregadas com remuneração (25 minutos em 1973 e 37 minutos em 2001), sendo mais alta ainda entre mulheres desempregadas (1 hora e 28 minutos). As mulheres ingressaram em massa na força de trabalho, ocupando substantivamente setores médios de ocupação. No presente caso, aqueles que investem mais tempo em educação e participação o

Tabela 4: Atividades cotidianas de homens e mulheres por condição de trabalho em dois períodos distintos e em duas regiões do Brasil em dias de final de semana

Grupos de Atividades	Condição de Trabalho e Uso do Tempo em Dia de Final Semana									
	Homem empregado		Mulher empregada		Dona de Casa		Desempregado		Desempregada	
	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(GB/RJ-1973)	(BH-2001)	(BH-2001)	
Trabalho remunerado	291	194	216	165	70	10	-	62	44	
Trabalho Doméstico	(18)	(39)	(136)	(140)	(212)	(201)	(16)	(35)	(127)	
Compras	(56)	(26)	(20)	(32)	(4)	(52)	(4)	(44)	(29)	
Cuidados com Crianças	(26)	(7)	(22)	(21)	(36)	(40)	-	(2)	(9)	
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	100	72	178	193	252	293	20	81	165	
Cuidados Pessoais	644	690	639	698	673	718	644	679	704	
Estudo e Participação	16	39	25	37	23	74	-	57	88	
Lazer (conversar, passear, esportes, etc)	(240)	(202)	(169)	(143)	(209)	(150)	(540)	(220)	(192)	
Uso dos meios de comunicação de massa	(116)	(181)	(117)	(152)	(107)	(161)	(112)	(263)	(178)	
Viagens pessoais e para lazer	(70)	(59)	(84)	(52)	(91)	(32)	(86)	(76)	(69)	
Lazer total	426	442	370	347	407	343	738	559	439	
Total em minutos	1477	1437	1428	1440	1425	1438	1402	1438	1440	

Notas sobre a tabela 4

(1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos.(2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, destacadas na tabela, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total; (3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses..(4) Fontes: para Guanabara/Rio de Janeiro: 1973: Souza (1976) e para Belo Horizonte 2001: Aguiar (2001)

fazem porque há mais tempo disponível. Durante esse período, aumentam a participação em atividades sociais e efetuam mais investimento em estudos na busca de emprego (Tabela 3). Porém, comparando os dados de dias da semana com os de finais de semana, observamos que essas médias, todavia, quase não se elevam para donas de casa e desempregados nos finais de semana, melhorando apenas um pouco para homens e mulheres empregados (Tabela 4). Constatamos, todavia, uma elevação com o decorrer do tempo, de 1973 para 2001.

Como estamos analisando emprego e desemprego, devemos também observar que fatores macroeconômicos e políticos podem estar intervindo nesses resultados. O antigo Distrito Federal, ao tornar-se estado da Guanabara, sofreu uma redução nas oportunidades de emprego, ao contrário do crescimento econômico que estava sendo vivenciado pelos demais estados. Nessa ocasião, muitas indústrias do estado da Guanabara migraram para estados vizinhos, antes mesmo de boa parte do funcionalismo público ter sido transferida para Brasília, então a nova capital do Brasil. Apenas recentemente o Brasil começou a apresentar níveis recordes de emprego.

A Tabela 4 revela, ainda, que há trabalho remunerado realizado em finais de semana. Essas atividades têm uma maior duração média para os homens empregados, porém, há uma redução dessas médias entre 1973 e 2001. As atividades remuneradas duram em média quase cinco horas para os homens (4 horas e 51 minutos) em 1973, passando para 3 horas e 14 minutos em 2001. As mulheres empregadas passam de 3 horas e 36 minutos nos finais de semana, em 1973, para 2 horas e 45 minutos, em 2001. Portanto, há uma redução na jornada de trabalho em fins de semana, o que pode estar sendo afetado pela redução legal do tamanho da jornada de trabalho.

O lazer se reduz para todas as categorias de atividade para as quais podemos efetuar comparações (homem empregado, mulher empregada, dona de casa e homem desempregado), entre 1973 e 2001. Comparando-se os dias de semana com os de finais de semana, o lazer aumenta, entre os dois momentos, para todas essas categorias. Na amostra do Rio de Janeiro a maior parte do lazer, além de descansar e de assistir televisão, era dedicada à vida social – processos interativos, visitas, conversas e passeios em companhia de amigos, além da prática de esportes e idas à praia, efetuadas por donas de casa em dias de semana, por mulheres com emprego remunerado e homens desempregados nos finais de semana. Essas atividades de frequência às praias duravam em média apenas cerca de 2 minutos em dias de semana (em que duas horas eram dedicadas a uma variada sociabilidade) ou de 12 minutos em finais de semana, quando quase 4 horas eram também alocadas à vida social. A televisão era utilizada por mais de uma hora por dia da semana por quase todas as categorias, e as donas de casa e

desempregados a viam por mais de duas horas, em dias de semana. Nos finais de semana, homens e mulheres com emprego remunerado olhavam televisão bem mais do que uma hora. O uso dos meios de comunicação de massa, dentre os quais, o da TV, ocupa destaque, se amplia para as donas de casa e desempregados, em dias de semana, e para todas as categorias nos finais de semana. A redução mais notória no lazer ocorre com as atividades sociais (conversar, passear) e nas atividades esportivas em dias de semana para todas as categorias, tanto em dias de semana quanto em dias de final de semana. Em dias da semana, os homens empregados reduziram seu lazer ativo (conversar, passear, esportes) de 1 hora e 37 minutos para 1 hora e 7 minutos; as mulheres empregadas com remuneração: de 1 hora e 33 minutos para 58 minutos; as donas de casa, de 2 horas e 16 minutos para 1 hora e 37 minutos, e os homens desempregados, de 3 horas e 24 minutos para 2 horas e 43 minutos. Em dias de finais de semana, essa redução ocorre respectivamente, para cada uma das categorias de condição de trabalho, de 4 horas para 3 horas e 22 minutos; de 2 horas e 49 minutos para 2 horas e 23 minutos; de 3 horas e 29 minutos para 2 horas e 30 minutos e de 9 horas para 3 horas e 40 minutos, documentando perdas em um determinado tipo de lazer, substituído pelo maior uso dos meios de comunicação de massa, particularmente, pela televisão. Não podemos descartar a presença de fatores culturais, interagindo nesses resultados, e diferenciando os dois contextos metropolitanos, que podem afetar as reduções observadas.

Podemos passar agora a analisar o último conjunto de tabelas (Tabelas 5 e 6) que buscam demonstrar o uso do tempo por categorias ocupacionais, ordenadas de acordo com o sistema de estratificação social.

Estratificação ocupacional e uso do tempo

A estrutura ocupacional relacionada ao uso do tempo constituiu um objeto de interesse central pela teoria marxista, focalizando primeiramente o tempo de trabalho remunerado na sociedade de classes. Subsequentemente, autores que se alinharam com essa perspectiva voltaram-se para outros componentes da temporalidade da classe operária, observando o tempo devotado ao lazer e ao trajeto de ida e volta ao local de trabalho por famílias de trabalhadores (Lafargue, 1980, [primeira edição 1880]). Pela pesquisa de Szalai (1972), percebe-se a ampliação do escopo dessa perspectiva para outras esferas da vida cotidiana, nos países de economia central planificada. Hoje em dia, a estratificação ocupacional e o uso do tempo consistem num objeto extremamente importante para a análise da mudança social ao comparar-se, seguindo a conceituação de Gershuny (2006, p. 32): (1) uma sociedade “pré-moderna”, ou “pré-industrial”, caracterizada por

Tabela 5: Atividades cotidianas de quatro setores ocupacionais estratificados durante os dias de semana em dois períodos distintos e em duas regiões do Brasil

Grupos de Atividades	Dia de Semana							
	Profissionais, Empresários, Diretores		Outros não manuais		Manuais Especializados		Manuais não Especializados	
	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001
Trabalho remunerado	460	474	475	523	464	538	331	437
Trabalho Doméstico	(4)	(54)	(32)	(42)	(90)	(48)	(200)	(111)
Compras	(17)	(27)	(41)	(19)	(49)	(18)	(31)	(21)
Cuidados com Crianças	(1)	(36)	(14)	(13)	(10)	(12)	(5)	(21)
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	22	117	87	72	149	78	236	153
Cuidados Pessoais	609	591	611	609	598	608	601	611
Estudo e Participação	42	67	19	42	8	18	8	42
Lazer (conversar, passear, esportes, etc)	(116)	(66)	(98)	(69)	(80)	(55)	(94)	(55)
Uso dos meios de comunicação de massa	(127)	(94)	(119)	(94)	(91)	(100)	(91)	(115)
Viagens pessoais e para lazer	(50)	(32)	(30)	(31)	(56)	(28)	(71)	(29)
Lazer total	293	192	247	194	227	183	256	199
Total em minutos	1426	1440	1439	1440	1446	1425	1432	1442

Notas sobre a tabela 5 (1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos. (2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, destacadas na tabela, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total. (3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses; (4) Fontes: para Guanabara/Rio de Janeiro: 1973: Souza (1976) e para Belo Horizonte 2001: Aguiar (2001)

uma pequena elite, identificada por muitas horas de lazer, e um conjunto de trabalhadores (em situação próxima à servidão ou à escravidão) com longas horas de dedicação ao trabalho gerador de rendimentos, e uma grande diferenciação por gênero entre as atividades de trabalho geradoras de rendimentos e as de serviços sem remuneração; (2) uma sociedade em processo de industrialização, um pouco mais igualitária que a anterior, mas também com longuíssimas horas de trabalho remunerado para grande contingente das classes subordinadas e uma grande diferenciação por gênero nas atividades de trabalho não remunerado; e, finalmente, (3) uma sociedade “moderna” ou “pós-industrial” – o autor usa estes dois termos como sinônimos – onde há um declínio no número de horas de trabalho pago, pouca diferenciação nos padrões de lazer, e um padrão convergente que aproxima as atividades domésticas, por gênero, observando-se, porém, que o sentido do conceito de modernização usado por Gershuny (2006, p. 32) é distinto do empregado por Szalai (1972) e associados.

Em contraste com o processo de modernização capitaneado pela indústria, Daniel Bell (1973) conceitua e enumera as características das sociedades pós-industriais (modelo norte-americano). Mantém a indústria como importante, porém, acrescenta três aspectos aos processos de transformação industrial: (1) cria-se uma íntima associação entre universidade e transformação tecnológica, uma vez que o conhecimento científico produz inovações que se fazem sentir nas telecomunicações, no uso de computadores, no uso da internet, na biotecnologia, provocando uma mudança de ênfase nos processos de desenvolvimento na era da informação; (2) há uma transformação na composição da força de trabalho, observável pela sua estrutura ocupacional. No exemplo norte-americano, a sociedade possuía 126 milhões de trabalhadores, em 1996, sendo 36,5 milhões de profissionais, executivos e gerentes, e 37,5 milhões, de técnicos, vendedores e administradores, as duas categorias compreendendo 60% da força de trabalho. Os manuais especializados perfaziam 18,1 milhões e os manuais não especializados 31,6 milhões. Ambos componentes da classe operária totalizam 25% da força de trabalho. Esta deixa assim de ser um contingente majoritário, lugar que dantes ocupava, quando constituía 1/3 da força de trabalho, ante o predomínio da indústria de transformação. Os níveis educacionais dessa camada trabalhadora se alteram: enquanto em 1960 só 41% completara a escola secundária, em 1996, 81% havia alcançado tal nível de instrução e quase 24% da população concluíra o curso universitário. Torna-se importante ter capital humano para conseguir um bom trabalho, já que o conhecimento é a fonte de inovações. Nesse meio tempo as mulheres foram à luta ampliando o acesso à educação e buscando acesso aos novos postos de trabalho. Enquanto isto, a parte mais padronizada do processo de industrialização é transferida para o exterior (China, Índia), enquanto a criação

de novas tecnologias permanece no local, constituindo a base do setor de serviços. A elevação no padrão de vida que representa essa nova classe trabalhadora significa novas formas de uso do tempo.

Enfoques contemporâneos, nos países de economia capitalista, têm buscado operacionalizar a perspectiva sobre classes sociais, avançando sistemas classificatórios das ocupações que possibilitem analisar a relação entre essas categorias ocupacionais e uma ampla gama de variáveis dependentes - ver particularmente Wright (1989) e Goldthorpe (2000), inclusive o uso do tempo (Gershuny, 2006). Trata-se não apenas de observar a camada trabalhadora, mas todo o sistema ocupacional de um país. Uma discussão das teses desses sistemas classificatórios ocupacionais e sua adequação em relação ao Brasil foi efetuada por Figueiredo Santos (2005). A pesquisa de uso do tempo de Belo Horizonte (2001) buscou estudar o uso do tempo pelo conjunto de estratos sociais da cidade, tendo sido desenhada para permitir analisar, além da dimensão de gênero, a relação entre estratificação social e uso do tempo, introduzindo uma ampla bateria de indicadores de estratificação social que não cabe desenvolver no presente texto. Formas de operacionalização do sistema de estratificação social dessa pesquisa foram estudadas por Neubert (2006 e 2011). Graças ao interesse em estratificação social, possibilitado pela pesquisa, foi possível criar estratos equivalentes às categorias ocupacionais desenvolvidas por Szalai (1972) e associados e por Souza (1976). O conjunto de categorias ocupacionais selecionado por Souza (1976) seguiu de perto a classificação das ocupações que havia sido empregada por Szalai (1972) e associados. Foram utilizadas as seguintes categorias: (1) profissionais administradores e gerentes; (2) trabalhadores de colarinho branco e técnicos; (3) trabalhadores manuais especializados e semiespecializados; (4) trabalhadores manuais não especializados. Geralmente proprietários, empresários, empregadores com muitos empregados e diretores são incluídos na categoria dos profissionais, administradores e gerentes, possibilitando dar conta também da estrutura ocupacional em países capitalistas. Como já mencionado acima, todavia, não foi incluído um estrato ocupacional de trabalhadores por conta própria, que, de acordo com o porte do negócio, foram incorporados aos itens (1) ou (4). Da mesma forma não há uma categoria para os trabalhadores informais. As duas atividades são muito presentes no Brasil. Os trabalhadores informais são aqui agregados aos trabalhadores manuais não especializados.

Podemos verificar as transformações no uso do tempo, a partir das Tabelas 5 e 6 que permitem observar as atividades cotidianas de acordo com a estratificação social, segundo os grupos de atividades por quatro estratos ocupacionais, em dois períodos distintos: 1973 e 2001, em dias de semana e de final de semana. Em 1973, a duração da jornada de trabalho, em dias de semana

(7 horas e 55 minutos), é maior entre outros trabalhadores não manuais (trabalhadores de colarinho branco, auxiliares de escritório, secretárias, recepcionistas, digitadores, telefonistas, enfermeiros, investigadores, contadores, fotógrafos, corretores etc.) e entre trabalhadores manuais especializados ou soldadores, mecânicos, caldeireiros, torneiros mecânicos, tipógrafos, fresadores, bombeiros, marceneiros etc. ou (7 horas e 44 minutos), seguidos pelos profissionais, empresários e diretores (7 horas e 40 minutos) e, enfim, pelos trabalhadores manuais não especializados (cinco horas e 31 minutos). Nessa categoria encontram-se as empregadas domésticas, as lavadeiras, os faxineiros, os serventes, os trabalhadores braçais, os ambulantes etc. O emprego doméstico (inclui mensalistas e diaristas) é o maior empregador de mão de obra feminina nessa época, um tipo de atividade remunerada caracterizada pela precariedade.

O tempo de trabalho remunerado, embora tenha aumentado para todas as categorias em 2001, apresenta as mesmas tendências de 1973. Os outros trabalhadores não manuais (colarinhos brancos etc.) tiveram uma elevação de 48 minutos, em sua duração. Os manuais especializados tiveram um aumento de 1 hora e 14 minutos. Os dois grupos exerciam o maior volume de trabalho remunerado, seguidos pelos profissionais cuja jornada se elevou em apenas 14 minutos e pelos trabalhadores manuais não especializados, cuja duração do trabalho remunerado se elevou em 1 hora e 46 minutos entre os dois períodos. Assim o aumento do trabalho remunerado é diferenciado por estrato ocupacional.

O lazer se reduziu para todas as categorias em dias de semana, de 1973 a 2001; os manuais especializados haviam registrado a menor duração em média de lazer no ano de 1973 (3 horas e 47 minutos) continuando a exibir a menor quantidade de lazer em 2001 (3 horas e 3 minutos), se comparados às outras categorias. Os profissionais, empresários e diretores passaram de 4 horas e 53 minutos para 3 horas e 12 minutos, sofrendo uma redução, em média, de 1 hora e 41 minutos no lazer. Os outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.) passaram, em média, de 4 horas e 7 minutos de lazer para 3 horas e 14 minutos, registrando perdas diárias, em média, de 53 minutos, e os manuais não especializados passaram de 4 horas e 16 minutos para 3 horas e 19 minutos, em média, registrando perdas de 57 minutos no lazer cotidiano.

Pode-se examinar, também, a razão entre a duração do trabalho remunerado e a do lazer. Entre 1973 e 2001, respectivamente, essa razão se altera: para os profissionais, empresários e diretores, de 460/293 minutos por dia (1,56) para 474/192 (2,46); para os outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.), de 475/247 (1,75) para 523/194 (2,69); para os manuais especializados, de 464/227 (2,04) para 538/183 (2,93), e os manuais não especializados, de 331/256 (1,29) para 437/199(2,19). Todas as razões se elevaram,

sendo mais notório o caso dos manuais não especializados: do dobro da duração do trabalho remunerado em comparação ao lazer, a relação passou para quase o triplo. Portanto, o trabalho se intensificou no período (Dal Rosso, 2008).

Em dias de semana, o tempo de estudo e participação aumentou para todas as categorias entre 1973 e 2001.

O tempo para cuidados pessoais em dias de semana se reduziu entre 1973 e 2001 para: (a) profissionais, empresários e diretores (10 horas e 9 minutos para 9 horas e 51 minutos) e para (b) outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.), que passaram de 10 horas e 11 minutos para 10 horas e 9 minutos - apenas uma pequena redução. As demais categorias referentes aos trabalhadores manuais (especializados e não especializados), já próximos das 10 horas de cuidados pessoais, sofreram apenas uma pequena elevação no conjunto: sono, refeições, limpeza pessoal etc. (cerca de 10 minutos).

Como já enunciado acima, o tempo de cuidados com a casa e a família se reduziu para todos, com exceção dos profissionais, empresários e diretores, cuja duração se elevou de 22 minutos para 2 horas e 2 minutos, em 28 anos. Presume-se que essa categoria contenha uma proporção bem maior de homens, mas restaria investigar ainda o estado civil, a situação do cônjuge no mercado de trabalho, a presença de terceiros etc. para entender melhor essa elevação. Um estudo exploratório foi realizado por Rafaela Cyrino (2010) sobre os cargos de diretoria exercidos por mulheres entre as 500 maiores empresas de Minas Gerais (geralmente também casadas com diretores e executivos), já no período em que as mulheres participam mais de posições de direção. A pesquisa revela que, embora as atividades domésticas mais rotineiras se reduzam para as que ocupam essa posição, substituídas por empregadas domésticas, outros trabalhos de cuidados são realizados por essas empresárias, tais como: o gerenciamento da casa e a supervisão dos trabalhos escolares dos filhos e filhas, cuja duração encontrada em dias da semana foi de 45 minutos (Cyrino, 2010) para essa pequena amostra de executivas em altos cargos de direção, embora seus cônjuges devotassem tempo muito próximo aos delas no exercício de tarefas domésticas.

Falta agora observar o que acontece nos finais de semana com essas categorias ocupacionais. O que chama a imediata atenção é que há trabalho remunerado também nos finais de semana. Em 1973: 1 hora e 53 minutos para profissionais, empresários e diretores; 5 horas e 30 minutos para outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.) 6 horas e 43 minutos para trabalhadores manuais especializados e 2 horas e 39 minutos para trabalhadores manuais não especializados. Observa-se, também, o que ocorre com o trabalho remunerado entre 1973 e 2001. Neste último ano, em fins de semana, o trabalho com rendimentos se eleva, além do patamar observado em 1973, em 1 hora e 4

Tabela 6: Atividades cotidianas de quatro setores ocupacionais estratificados, durante os dias do final de semana, em dois períodos distintos, e em duas regiões do Brasil

Grupos de Atividades	Dia de Final de Semana							
	Profissionais, Empresários, Diretores		Outros não manuais		Manuais Especializados		Manuais não Especializados	
	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001	GB/RJ 1973	BH 2001
Trabalho remunerado	113	177	330	134	403	194	159	254
Trabalho Doméstico	(42)	(68)	(31)	(79)	(49)	(78)	(154)	(111)
Compras	(58)	(58)	(69)	(34)	(4)	(25)	(40)	(14)
Cuidados com Crianças	(8)	(14)	(2)	(13)	-	(16)	(85)	(12)
Sub Total Cuidados com a casa e a Família	108	140	102	126	53	119	279	137
Cuidados Pessoais	704	652	667	720	580	688	617	667
Estudo e Participação	49	34	26	46	-	32	11	34
Lazer (conversar, passear, esportes, etc.)	(193)	(190)	(148)	(186)	(256)	(180)	(251)	(141)
Uso dos meios de comunicação de massa	(90)	(175)	(108)	(173)	(137)	(170)	(128)	(154)
Viagens pessoais e para lazer	(154)	(73)	(54)	(55)	(58)	(54)	(52)	(53)
Lazer total	437	438	310	414	451	404	431	348
Total em minutos	1411	1441	1435	1440	1487	1437	1497	1440

Notas sobre a tabela 6: (1)- quando as somas são diferentes de 1440, isso se deve a arredondamentos.(2)- O item viagens geralmente é somado ao da categoria relacionada à viagem. Como as viagens, destacadas na tabela, referem-se a duas categorias (cuidados pessoais e lazer), o item pode ser lido em separado, ou em conjunto (adicionado) com a categoria Lazer Total. (3) O Total Geral em minutos é a soma das cifras fora dos parênteses; (4) Fontes: para Guanabara/Rio de Janeiro: 1973: Souza (1976) e para Belo Horizonte 2001: Aguiar (2001)

minutos para profissionais, empresários e diretores. Isso também ocorre para os manuais não especializados que aumentam o volume de trabalho remunerado em dias nos finais de semana em 1 hora e 35 minutos (aqui está situado o emprego doméstico). A quantidade se reduz para os outros não manuais (colarinho branco etc.) em 3 horas e 16 minutos e para manuais especializados, em 3 horas e 29 minutos. Profissionais, empresários, diretores e gerentes podem levar trabalho para casa como indica Emmendoerfer (2009), quando estudou gerentes no comércio varejista de produtos farmacêuticos. De relevância para explicar o trabalho remunerado em finais de semana, o autor também aponta que o dia de folga pode não ocorrer em finais de semana (Emmendoerfer, 2009). Porém, de um modo geral, as categorias que reduziram o trabalho remunerado nos finais de semana parecem ter rotinas mais estabelecidas com a maior parte do trabalho remunerado sendo realizada durante a semana. Neubert (2006, p. 74; e 2011, *passim*) aponta que esta tendência está mais presente nos estratos ocupacionais altos.

Estudos e participação, cuja elevação já havíamos observado durante a semana, também se alçam nos dias em finais de semana, com exceção dos profissionais, diretores e empresários que diminuem esse tipo de atividade em cerca de 15 minutos (a elevação dos estudos e participação havia sido a maior em dias de semana – cerca de 35 minutos), o que revela preferências na organização das atividades por membros desse estrato ocupacional.

O lazer se eleva em finais de semana para todas as categorias ocupacionais não manuais quando comparamos com as cifras obtidas para um mesmo ano, com os dados sobre lazer em dias de semana. Em 1973 o lazer aumenta dos dias de semana para os de final de semana em 2 horas e 24 minutos para profissionais, empresários e diretores; ele se amplia em 1 hora e 3 minutos para outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.), elevando-se em 3 horas e 44 minutos para manuais especializados, e, em 2 horas e 55 minutos para manuais não especializados. Em 2001, fazendo a mesma comparação entre dias de semana e de final de semana, o lazer cresce 4 horas e 6 minutos para profissionais, empresários e diretores; aumenta 3 horas e 40 minutos para os trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.); amplia-se em 3 horas e 41 minutos para trabalhadores manuais especializados; e, enfim, se eleva em duas horas e 29 minutos para trabalhadores manuais não especializados, o que dá suporte às teses de Neubert (2006, p. 74 e 2011, *passim*) apontadas acima.

Isto acompanha a tendência já observada de uma redução quase generalizada nas atividades de lazer em dias de semana, quando comparamos os dados de 1973 e de 2001. Os profissionais, empresários e diretores reduziram o lazer nos dias de semana em 1 hora e 41 minutos; os outros trabalhadores não

manuais (colarinho branco etc.), em 53 minutos; os manuais especializados, em 44 minutos, e os manuais não especializados, em 57 minutos. Essa redução também se observa, para as duas categorias de trabalhadores manuais, quanto ao lazer nos finais de semana. Os manuais não especializados também possuem uma alta proporção de mulheres (particularmente empregadas domésticas). Seria importante poder aprofundar se aqui se trata predominantemente de mulheres casadas e com filhos, vivenciando situações menos sujeitas à rotina. A redução no lazer total pode estar relacionada à substituição de um lazer ativo por outro passivo, em particular, pela televisão, reduzindo também, com isto, o tempo das viagens para os locais de lazer. A única categoria que não reduziu o lazer em finais de semana (outros não manuais) também registra um incremento na dedicação de tempo a conversas, passeios e esportes em 38 minutos entre 1973 e 2001. Alguns autores contemporâneos como Elias e Dunning (1992, pp.117-156) contrastam trabalho e lazer observando que o caráter rotinizador do trabalho remunerado representa uma grande demanda por autocontrole e disciplina que paira sobre os que o exercem. Em contraste, o lazer desenvolvido em atividades recreativas cumpriria uma função prazerosa, possibilitando descarregar tensões e emoções que não podem ser liberadas no exercício das funções que demandam disciplina (ver também Neubert, 2006). Dentre as atividades recreativas que liberam tensões, os autores destacam reuniões sociais, participação em jogos e prática de esportes, viagens, passeios, fazer nada, enfim, atividades que aliviam o autocontrole mediante a quebra de rotinas. Uma redução no lazer, em termos de duração, e a substituição parcial do lazer ativo pelo passivo representariam uma maior rotinização das atividades cotidianas, reduzindo, assim, as suas possibilidades libertárias de tensões.

Os cuidados com a casa e a família se elevam para todos nos finais de semana, com exceção dos trabalhadores manuais não especializados. Novamente aqui se situa uma alta proporção de trabalhadores domésticos que podem estar cuidando mais da casa onde trabalham do que da própria casa e família, em finais de semana. Comparando dois períodos históricos, esse contingente ocupacional realiza uma redução de 2 horas e 22 minutos, comparando os dados para duração das atividades entre 1973 e 2001. Os profissionais, empresários e diretores efetuam uma elevação de 32 minutos nos cuidados com a casa e a família; os outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.) aumentam essa atividade em 24 minutos; e os manuais especializados, em 1 hora e 6 minutos.

Os cuidados pessoais se elevam para todos quando comparamos dias de semana e de finais de semana, com exceção dos trabalhadores manuais especializados (que os reduzem em 18 minutos nos finais de semana). Os outros trabalhadores não manuais (colarinho branco etc.) aumentam os cuidados pessoais

em dias do final de semana (em comparação aos dias de semana) no total de 1 hora e 51 minutos; os manuais especializados, em 1 hora e 20 minutos, e os manuais não especializados, em 56 minutos. Quando comparamos os resultados das duas pesquisas (de 1973 e de 2001) para os finais de semana, todavia, observamos que todos aumentam a duração dos cuidados pessoais, com exceção dos profissionais, executivos e diretores que os reduzem em 52 minutos, com o decorrer dos anos – um estrato que também aumentou os cuidados com a casa e a família em dias de final de semana.

O aumento nos cuidados pessoais pode ser a forma encontrada para compensar o cansaço e as tensões cotidianas. Tendências históricas semelhantes com relação ao sono foram encontradas por Robinson e Michelson (2010), para os Estados Unidos, Canadá, França, Bulgária e Polônia, com exceção clara do Japão.

Resta uma última palavra sobre os deslocamentos, já que Amaury de Souza (1976, p.21) apontou para o maior tempo gasto em viagens para sua amostra (mais 36 minutos do que as populações em regiões metropolitanas, de outros países). O tema foi aprofundado por Mont'Alvão (2009, p. 181), com os dados da Pesquisa de Uso do Tempo de Belo Horizonte (2001), o qual encontrou que 50% das viagens registradas na pesquisa se referiam ao trabalho remunerado; 13%, aos estudos; 16%, aos cuidados com a casa e a família; 4%, ao trabalho voluntário e reuniões; 9%, ao lazer, e 6%, a outros motivos. A duração total diária das viagens é de 88 minutos (ou 1 hora e 28 minutos). Mont'Alvão delinea os ápices de atividade na demanda de transporte, das 6 às 8 horas da manhã, entre 13 e 14 horas e o maior pico, às 18 horas. O autor observa ainda que há diferenças entre os estratos de renda nos deslocamentos. Habitantes dos bairros mais ricos apresentam uma média de 2,2 deslocamentos por dia, enquanto os das regiões mais pobres se deslocam menos de 1 vez por dia. Souza (1976) e Mont'Alvão (2009) preocupam-se com uma política de transportes, baseados em pesquisas de Uso do Tempo. A relevância dessa modalidade de pesquisas para as políticas públicas já havia sido colocada pela pesquisa de Szalai (1972) e associados.

De um ponto de vista macrosocial, podemos dizer que as pesquisas internacionais comparadas e aqui apresentadas buscaram averiguar o efeito de processos de modernização (industrialização, urbanização) no uso do tempo das populações, observando primordialmente a qualidade de vida das camadas trabalhadoras ao analisar a relação entre tempo de trabalho remunerado, tempo de cuidados com a casa e a família (trabalho não remunerado ou doado), tempo de cuidados pessoais e tempo de lazer. Mais recentemente, estudiosos de uso do tempo têm estudado os efeitos dos processos de criação de um novo setor de

serviços, com elevados índices de formação universitária, cujas atividades ocupacionais afetam os locais onde residem e trabalham, inclusive o grupo doméstico de seus participantes, suas preferências de lazer etc.

Como situáramos o Brasil? Efetuamos um exercício de simulação com o emprego de duas pesquisas de uso do tempo, uma conduzida em 1973, e outra, em 2001. Faltou acrescentar ao conjunto de possibilidades de organização social, delineadas mais acima, aquele tipo de sociedade híbrida com parcelas de atividades com alto nível de formação universitária e amplo emprego dos recursos da informática e da internet, ao lado de outra parcela que sofre os efeitos da industrialização clássica, com elevada demanda pelos trabalhadores de colarinho branco e manuais especializados que se diferenciam dos trabalhadores sem contratos formais. Nessa sociedade o trabalho remunerado se eleva para todos, inclusive para uma parte dos que possuem ocupações de maior *status* e que buscam organizar melhor o seu tempo (na era dos computadores e da internet, uma parcela das atividades remuneradas pode ser exercida em casa nos finais de semana). Um bom contingente dos demais trabalhadores eleva substantivamente suas atividades de trabalho em finais de semana (com a exceção de uma única categoria – os outros não manuais especializados, com alto componente feminino-conforme visto acima). Resta falar do setor de serviços. Devemos aqui distinguir a sociedade brasileira da pós-industrial (onde predominam serviços altamente qualificados), embora elementos da primeira também coexistam com outra modalidade de serviços de baixa produtividade. No Brasil, uma nação com a marca da desigualdade, há um amplo setor de trabalhadores não qualificados que exercem primordialmente serviços manuais, com a predominância dos serviços domésticos. Quanto ao lazer, parte da sociedade absorveu parcela do estilo dos que têm alto padrão de vida, com frequência aos restaurantes de luxo, cinemas, teatros e realização de viagens de alta distinção. Essa mesma sociedade contém outras camadas com comportamentos do tipo de uma sociedade massificada, com pouco acesso à erudição e sofisticação que caracteriza o estilo de vida do primeiro tipo. Uma camada desta última parcela compreende empregados daqueles que estão nos estratos mais altos. Outros são trabalhadores especializados em que o lazer é mais suprido pela televisão. Os cuidados pessoais se elevam paulatinamente para todas as camadas. Os cuidados com a casa e a família permanecem uma atribuição feminina e são reduzidos por fatores de composição demográfica, com ligeira convergência de gênero para o setor ocupacional mais elevado. Este também faz amplo uso de empregados domésticos, o que novamente destaca a hibridez da sociedade. As viagens também são diferenciadas por setor ocupacional e por gênero, com menos deslocamentos para mulheres e para os que exercem outras ocupações manuais, seguidos pelos

trabalhadores manuais (especializados, ou não). A sociedade desigualmente modernizada busca enfrentar o desafio da convivência de setores tão desiguais.

Referências

- AGUIAR, Neuma. Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado em Uma Plantação Canavieira. **Gênero**. Universidade Federal Fluminense, v. 2, 2001a, pp. 75-106.
- _____. **Múltiplas Temporalidades de Referência**: Análises dos Usos do Tempo entre Grupos Domésticos na População de Belo Horizonte. (Relatório de Pesquisa). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001b.
- _____. **Livro de Códigos da Pesquisa de Uso do Tempo de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001c.
- _____. ; SUYAMA, Emílio. **A Divisão do Trabalho Remunerado e do Trabalho Doméstico entre Homens e Mulheres**. Trabalho apresentado na Segunda Conferência Internacional de Uso do Tempo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- ARTEMOV, Victor; ARTEMOVA, Olga e PATRUSHEV, Vasilyj. **The Past Is Rich, tThe Present Is Difficult, Will There Be a Future?** Trabalho apresentado na Conferência Anual da International Association for Time Use Research (IATUR). Universidade de Essex: Essex, Inglaterra, 1999.
- ARTEMOV, Victor; ARTEMOVA, Olga. Comparative Time Budget Studies in Russia-The 1920-1990s: Studies and Results. In: MERZ, Joachim e EHLING, Manfred (orgs.) **Time Use - Research, Data and Policy**. Baden-Baden: Nomos Verlagsgesellschaft, 1998.
- BELL, Daniel. **The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting**. New York: Basic Books, 1973.
- CYRINO, Rafaela. **A Construção Social da Temporalidade e a Articulação entre Trabalho Doméstico e Assalariado**: O Caso das Mulheres Executivas. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- CONVERSE, Philip. Country Differences in Time Use. In: SZALAI, Alexander (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp. 145-177.
- DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho**. São Paulo: Editorial Bom Tempo, 2008.
- DIEESE. A Situação das Mulheres em Mercados de Trabalho Metropolitanos. **Boletim DIEESE**, Número Especial, São Paulo, 2002.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. El Ocio en el Espectro del Tiempo Libre. **Deporte y Ocio en El Proceso de La Civilización**. México, D.F.: Fondo de Cultura, 1992, pp. 117-156.
- EMMENDOERFER, Magnus Luiz. **Temporalidades, Tensões e Conciliações na Organização e no Domicílio**: O Dia a Dia dos Gerentes de Lojas no Varejo Farmacêutico da Grande Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas: Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

- FISHER, Kimberly e ROBINSON, John. Average Weekly Time Spent in 30 Basic Activities in 17 Countries. **Social Indicators Research**, 93, 2009, pp. 249-254.
- GARHAMMER, Manfred. Time Structures in the European Union- A Comparison of West Germany, U.K., Spain and Sweden. In: Joachim Merz e Manfred Ehling (orgs.) **Time Use - Research, Data and Policy**. Baden-Baden: Nomos Verlagsgesellschaft, 1998.
- GERSHUNY, Jonathan. **Changing Times: Work and Leisure in Postindustrial Society**. New York: Oxford University Press, 2003.
- GOLDTHORPE, John H. **On Sociology: Numbers, Narratives and The Integration of Research and Theory**. Nova York: Oxford University Press, 2000.
- HARMS, Teresa; GERSHUNY, Jonathan. Time Budgets and Time Use. **Working Papers: Council for Social and Economic Data (RatSWD) Número 65**, março, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Uso do Tempo. **Relatórios de Pesquisa da Escola Nacional de Ciências Estatísticas**, 7, Rio de Janeiro, 2001.
- KUMAR, Krishan. **From Post-Industrial to Post-Modern Society**. New Theories of The Contemporary World. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Kairós, 1980 [primeira edição: 1880].
- MARX, Karl. (1970). **Capital, Vol. I**. London: Lawrence and Wishart. [primeira edição: 1867]
- MONT'ALVÃO NETO, Arnaldo Lopes. **Deslocamentos Urbanos e Desigualdades Sociais: Um Estudo do Movimento Diário da População de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- NEUBERT, Luiz Flávio. **Atividades Diárias e Desigualdade Social: Um Estudo sobre o Tempo de Lazer e o Tempo de Trabalho Remunerado em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- NEUBERT, Luiz Flávio. **Desigualdade Social e o Uso do Tempo: Um Estudo sobre os Determinantes do Tempo de Trabalho Remunerado e do Tempo Livre entre Indivíduos Adultos Inseridos no Mercado de Trabalho em uma Cidade Brasileira e nas Regiões Metropolitanas Norte-americanas**. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- NIEMI, Liris; e PÄÄKÖNNEN, Hanna. **Time Use Changes in Finland through the 1990s**. Helsinki: Statistics Finland, 2002.
- NOWOTNY, Helga. **Time: The Modern and Postmodern Experience**. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwel, 1984.
- PATRUSHEV, Vasilii Dmitrievich. Aggregate Time: Balances and Their Meaning for Socio-economic Planning. In: SZALAI, Alexander (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp. 429-440.
- REZSÖHÁZY, Rudolf. Aspects of A Study about the Social Notion of Time. In: SZALAI, Alexander (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.449-460.
- ROBINSON, John; CONVERSE, Philip; SZALAI, Alexander. Everyday Life in Twelve Countries. In: SZALAI, Alexander (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.113-144.

- _____. ; MICHELSON, William. (2010). Sleep as a Victim of the "Time crunch" – A Multinational Analysis. **Electronic International Journal of Time Use Research**. Vol. 7, No. 1, 61-72.
- SEWELL, William H. **The Construction and Standardization of A Scale for The Measurement of The Socio-Economic Status of Oklahoma Farm Families**, Technical Bulletin #8, abril, 87 p., 1940.
- SKORZINSKI, Zygmunt. The Use of Free Time in Torun, Maribor and Jackson. In: SZALAI, Alexander (org.). **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.265-305.
- STAIKOV, Zahari. Time Budgets and Technological Progress. In: SZALAI, Alexander (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp. 461-482.
- SOUZA, Amaury. **As 24 Horas do Dia de Um Carioca**. Relatório de Pesquisa apresentado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 1976.
- SOUZA, Márcio Ferreira de. **A Percepção do Tempo na Vida Cotidiana sob a Perspectiva de Gênero: O Dia a Dia em Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas: Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2007.
- SUYAMA, Emílio. **Fatores de Ajuste Demográfico das Pesquisas do Uso do Tempo de 1973 e de 2001**. (Relatório de Pesquisa). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- SZALAI, Alexander. Trends in Comparative Time Budget Research. **American Behavioral Scientist**, 9, 9, 1966, pp.3-8.
- _____. (org.). **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972.
- _____. Introduction: Concepts and Practices of Time-budget Research. In: _____. (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.1-12.
- _____. ; SCHEUCH, Erwin K. The Organizational hHistory of The Multinational Comparative Time-Budget Research Project. In: _____. (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.15-29.
- _____. Design Specifications for the Surveys. In: _____. (org.) **The Use of Time**. Paris: Mouton, 1972, pp.32-41.
- _____. Women's Time: Women in the Light of Contemporary Time-Budget Research. **Futures**, outubro, 1975, pp. 385-399.
- UNITED NATIONS. E/Conf.66/EP/6. **The Situation of Women in The Light of Contemporary Time-Budget Research**. Primeira Conferência Mundial de Mulheres: Cidade do México, 18 p., 1975.
- UNITED NATIONS. ST/SA/STAT/SER_F/93. **Guide to Producing Statistics on Time Use**. Nova York, 2005.
- VANEK, Joann. Time Spent in Housework. **Scientific American** 231, nov., 1974, pp.116-120.
- WRIGHT, Erik Olin et alii. **The Debate on Classes**. Londres: Verso, 1989.

Resumo

O trabalho consiste em uma comparação de duas pesquisas de uso do tempo realizadas, com métodos semelhantes, em dois contextos distintos, e dois períodos históricos diferentes, no Brasil: Guanabara/Rio de Janeiro 1973 e Belo Horizonte 2001. Usando recursos de simulação, a amostra de Belo Horizonte foi demograficamente ajustada para possibilitar comparações com a da Guanabara/Rio de Janeiro. O texto também permite cotejar a situação brasileira com a de outros países. As tabelas permitem analisar o uso do tempo para quatro conjuntos de atividades: trabalho remunerado, cuidados com a casa e a família, cuidados pessoais e lazer. O *paper* permite observar uma grande elevação da quantidade de trabalho remunerado, entre os dois períodos, e uma redução e reorganização do lazer, com diferenciações por estrato social nos estilos de vida - com mais vagas, frequência a teatros e restaurantes pelos estratos mais altos e maior uso da televisão pelos demais. O texto demonstra o aumento da participação das mulheres em atividades remuneradas, uma redução geral dos cuidados com a casa e a família, mas a manutenção das desigualdades nas atribuições de gênero. O tempo devotado aos cuidados pessoais entre homens e mulheres se aproxima e se reorganiza. Há um aumento do tempo devotado aos estudos e à participação em atividades voluntárias. De um modo geral o uso do tempo é estratificado no que se refere ao tempo de trabalho remunerado, cuidados com a casa e a família, lazer e deslocamentos, caracterizando os estilos de vida bem diferenciados de uma sociedade híbrida ou desigualmente desenvolvida.

Palavras chave: Uso do Tempo, Gênero, Estratificação Social, Trabalho Remunerado, Cuidados com a Casa e a Família, Cuidados Pessoais, Lazer.

Abstract

The paper compares two time-use surveys carried out with similar methods, in two different contexts as well as in two distinct historical periods of time in Brazil: Guanabara/Rio de Janeiro, 1973 and Belo Horizonte, 2001. With the help of simulation resources, the sample conducted in Belo Horizonte has been demographically adjusted to enable comparison with the one carried out in Guanabara/Rio de Janeiro. This paper also allows the comparison of the Brazilian situation with those of other countries. The tables enable the analysis of time-use in four sets of activities: waged work, home and family-care, personal care and leisure. This paper allows the observation of the rising amount of waged work between the two historic periods and a decrease and rearrangement of leisure, differentiated according to social position and life-styles – through travelling patterns, theatre-attendance, and dining out in restaurants as leisure patterns for the highest positions and a larger use of TV for the other social classes. This paper demonstrates the increase of women's participation in waged activities, an overall decrease of home-care and family-care activities, although inequalities in gender ascribed tasks are preserved. Time dedicated to personal care is reorganized and becomes similar to both men and women. There is an increase in time dedicated to studying and to volunteer activities. By and large the use of time is stratified regarding time dedicated to waged work, home-care and family-care, leisure and travel activities, characterising very differentiated life-styles in a hybrid or unequally developed society.

Keywords: Use of Time, Gender, Social Stratification, Paid Work, House and Family Care, Personal Care, Leisure.